

O BLOCO REVOLUCIONÁRIO NO BRASIL: ENTRE A AMBIGUIDADE E A COERÊNCIA

Edmilson Marques

O Brasil é um país que mantém sua dinâmica fundamentada na luta de classes. Portanto, permanece submetido à divisão social do trabalho, dividido em classes sociais, e organizado de acordo com a luta entre a burguesia e o proletariado deste país. Isso quer dizer que o Brasil é um país que se mantém de pé em decorrência do modo de produção capitalista, ou seja, em decorrência do processo de exploração que a burguesia submete o proletariado nos locais de produção.

O desenvolvimento do capitalismo fez emergir novas classes, o que trouxe uma maior dificuldade de entender e perceber a dinâmica da luta de classes no Brasil e em todo o mundo. Daí a necessidade de abordar os blocos sociais, como meio de demonstrar que a luta de classes se complexificou, mas continua sendo o aspecto fundamental na sociedade contemporânea (VIANA, 2015). Esse é o pressuposto do qual partimos para tratar do bloco revolucionário¹ no Brasil.

É preciso esclarecer ainda que não abordaremos os blocos sociais² em sua totalidade, o que objetivamos aqui é tão somente fazer uma breve análise sobre a ambiguidade³ e a coerência⁴ do bloco revolucionário no Brasil. Para tratar desse assunto

¹ Por bloco revolucionário, entendemos aqui como “a expressão mais organizada e consciente do proletariado”. É composto por grupos, indivíduos, tendências, existentes na sociedade e que têm mais adeptos no interior da juventude, intelectualidade, proletariado e classes desprivilegiadas em geral” (VIANA, 2018, p. 148-149).

² Aqui não temos espaço para aprofundar a discussão sobre os blocos sociais e focaremos nossa atenção no bloco revolucionário. Além disso, não aprofundaremos em suas especificidades, já que o objetivo aqui é apresentar alguns poucos elementos que nos permitam ter uma visão panorâmica sobre o estado que se encontra o bloco revolucionário no Brasil. Para uma leitura mais aprofundada sobre os blocos sociais e sobre as especificidades do bloco revolucionário ver Viana (2015, 2019).

³ A ambiguidade aqui é entendida como a utilização que setores de um determinado bloco social faz de estratégias desenvolvidas por blocos sociais distintos. Por exemplo, o voto útil é uma estratégia do bloco reformista, mas a sua utilização por militantes, grupos etc. do bloco revolucionário torna-se ambígua, já que não se trata de um meio que possa contribuir com a finalidade da luta estabelecida por este bloco, qual seja, a autogestão social.

⁴ A coerência, ao contrário da ambiguidade, é quando as estratégias de um bloco social estão de acordo com os interesses de classe de sua base social. A organização burocrática, por exemplo, é coerente com as estratégias do bloco dominante e do bloco progressista, mas é incoerente com o bloco revolucionário. Já a autogestão é coerente com as estratégias do bloco revolucionário, mas incoerente com as dos blocos progressista e dominante.

é preciso observar que esse bloco não é homogêneo. É composto por indivíduos, grupos e classes sociais distintos e também por várias tendências políticas. Há, portanto, uma complexidade em tratar de suas especificidades, já que demandaria uma análise específica de sua base social, de cada grupo, setores e tendências políticas que o compõem. Como isso demandaria muito mais espaço, aqui vamos focar na análise da ambiguidade e coerência presentes em seu interior, considerando as suas duas alas: a proletária e a semiproletária.

A ambiguidade está presente em todos os blocos sociais. O bloco dominante e o bloco revolucionário conseguem manter uma coerência maior em decorrência de sua base social, a burguesia, do bloco dominante, e o proletariado, do bloco revolucionário. No entanto, a ambiguidade também é manifestada no bloco revolucionário, por isso é importante realizar esta discussão como forma de oferecer elementos para sua superação.

Uma das ambiguidades presente no bloco revolucionário no Brasil, está relacionada à posição da ala semiproletária diante de determinadas frações da burocracia, a exemplo do que acontece com a forma como concebem os sindicatos. A teoria revolucionária já demonstrou que os sindicatos se burocratizaram, deixaram de ser uma forma de organização da classe operária e tornaram-se uma organização dominada por uma burocracia, e presta um serviço para os capitalistas. Mas a ala semiproletária continua mantendo a posição de que são organizações importantes para a luta revolucionária, por isso ainda o defendem como forma de organização da classe operária.

Além desta ambiguidade há também a sua posição diante da ideologia da representação. Vejamos o exemplo do que vem ocorrendo em períodos eleitorais. Nas últimas eleições, e estamos percebendo o mesmo acontecer no contexto atual, vimos indivíduos e tendências do bloco revolucionário defenderem o que chamaram de voto útil⁵. Essa ideia do voto útil foi amplamente divulgada e atingiu setores e militantes do

⁵ Há também aqueles que defendem o voto tático, cujo objetivo não difere do que se defende com o voto útil. Em oposição, alguns intelectuais reforçaram a ideologia da representação com uma negação do voto útil defendendo o voto autêntico. Notamos como o bloco reformista pode atuar em duas frentes demonstrando ideias aparentemente opostas, mas que em sua essência é a mesma coisa. Para um exemplo desta concepção ver Naghirniac e Lopes (2018).

bloco revolucionário, que passaram a defender esta ideia. A questão é que o voto útil nada mais é do que uma nova forma de reprodução da ideologia da representação e legitimação da democracia burguesa. Esta ideia não possibilita perceber que, independente de quem vencer as eleições, o que virá pela frente é a legitimação da burocracia estatal, que vai continuar auxiliando a burguesia na regularização das relações sociais. Nesse sentido, tanto faz candidato A ou B, direita ou esquerda, ambos governarão para criar as condições para a acumulação ampliada do capital.

Outra questão que tem manifestado a ambiguidade de setores do bloco revolucionário no Brasil, vem sendo manifestada nos últimos meses em decorrência da polaridade entre frações da burocracia, burocracia governamental versus a estatutária (judiciário mais especificamente). A ambiguidade se refere à reprodução do discurso burguês de defesa da democracia para combater as tendências do bloco dominante que manifestam interesse de realizar um golpe de estado ou de instaurar um novo regime ditatorial no país.

Esta polarização vem sendo interpretada pelo bloco progressista de que um governo que confronta o judiciário manifesta a intenção de um golpe de estado, logo, é contra a democracia. Esta interpretação foi amplamente divulgada pelos meios oligopolistas de comunicação e vem influenciando setores do bloco revolucionário. O medo de um novo regime militar tem mobilizado muitos militantes a voltarem a sua atenção para a forma de atuação do governo, mas não em relação à burocracia em sua totalidade e seu papel no interior da luta de classes. Isto é, a visão da totalidade da sociedade vem sendo ofuscada e o foco nesta polarização colocada como ponto central da discussão.

Um militante do bloco revolucionário não deve cair nos encantos ilusórios do bloco progressista e nem mesmo do bloco dominante. A democracia é um regime político burguês, assim como o é o regime ditatorial⁶. Em ambos os regimes, a sociedade é submetida à luta de classes e mantém em suas bases a relação de exploração da burguesia sobre o proletariado nos locais de produção. Esta polarização entre setores da burocracia estatal terá como resultado a manutenção do modo de produção

⁶ Para uma leitura sobre esta questão ver Viana (2015).

capitalista. Aqui, a ambiguidade se apresenta no interior do bloco revolucionário quando representantes deste bloco aderem a esse discurso e passam a fazer a crítica da forma de atuação do governo, deixando transparecer, ao mesmo tempo, a defesa do judiciário ou que seria melhor outro governo ou até mesmo a manutenção da democracia. Com isso, cria-se uma dificuldade de ir além dessa polarização, de enxergar que em suas bases o agente da transformação social continua sendo o proletariado, logo, que a luta deve ser voltada para estratégias que corroborem com a radicalização de sua luta e instauração de um processo revolucionário, que assuma uma proporção ampliada e que possibilite realizar o seu objetivo de classe, a transformação radical da sociedade.

Outra questão que demonstra a ambiguidade presente no bloco revolucionário no Brasil, diz respeito ao reboquismo. Há um grande número de militantes que se mantêm no âmbito da luta espontânea, aguardando o proletariado iniciar um processo revolucionário para aderirem à luta revolucionária. Isso fica mais claro quando há a adesão ampla de militantes nas manifestações que surgem, mas também o seu afastamento quando estas desaparecem.

O reboquismo não contribui com o proletariado, mas contribui com o bloco dominante e com o bloco reformista. Quanto menos forças contrárias aparecerem diante de ambos os blocos, mais o caminho fica livre para seguirem reproduzindo a luta de classes. O reboquismo é uma ambiguidade presente no interior do bloco revolucionário, uma vez que não há confluência com o movimento da classe operária, que historicamente tem lutado para suprimir as relações sociais estabelecidas pelo capital. O proletariado está em constante movimento, embora esteja no atual momento na fase das lutas espontâneas, mas segue cotidianamente confrontando a burocracia e seus exploradores, ou seja, não se mantém estático. O reboquismo acaba contribuindo para a reprodução e manutenção da luta do proletariado no estágio das lutas espontâneas.

O bloco revolucionário tem como principal tarefa contribuir para que o proletariado ultrapasse o estágio das lutas espontâneas. Mas para que isso aconteça seus integrantes devem agir, devem romper com esta ideia de que a ação deve acontecer apenas no momento que o proletariado avançar para além do espontaneísmo e se autonomizar. Por isso, há uma ambiguidade que se manifesta mais constantemente na

ala semiproletária do bloco revolucionário, e está presente nas tendências políticas que defendem que a ação revolucionária deve ocorrer no momento que o proletariado se tornar revolucionário.

Uma última questão que apontamos sobre a ambiguidade presente no bloco revolucionário no Brasil, se trata da idolatria a determinados cânones intelectuais que representam a tendência política que integra. Esta idolatria faz o militante perder de vista o objetivo da luta revolucionária, logo, a direção da luta, já que, em decorrência disso volta sua atenção para o confronto e tensionamento, no interior do bloco revolucionário. Picuinhas históricas, a exemplo da discussão realizada entre Marx e Bakunin, permanecem mobilizando militantes do bloco revolucionário para o conflito entre si⁷. Daí emergem acusações, adjetivações, falsificações etc., que objetivam a desqualificação e desmoralização e que muitas vezes é realizada sem racionalidade.

Esta atitude é ambígua por não contribuir com o fortalecimento do bloco revolucionário. Ao invés de fortalecer a união deste bloco, questão fundamental para conseguir alcançar a potencialidade de ser um instrumento da transformação social, o enfraquece. Portanto, contribui para sua divisão, já que se instala um conflito em seu interior que faz os próprios militantes manterem-se estagnados na luta revolucionária. A associação é uma questão fundamental para que o bloco revolucionário desempenhe seu papel histórico de contribuir com o movimento revolucionário do proletariado. Isso pressupõe união, a superação das picuinhas históricas, que permanecem vívidas no interior do bloco revolucionário; pressupõe a superação de suas ambiguidades.

O bloco dominante e o bloco progressista conseguem atuar em conjunto, conseguem manter uma atuação coletiva e organizada. A ala semiproletária do bloco revolucionário convive com a necessidade de ampliar e criar formas de organizações mais duradouras. Algumas tentativas de organizações são criadas em períodos de crise do capitalismo ou quando emergem manifestações etc., mas logo são desfeitas quando o capitalismo consegue manter uma relativa estabilidade ou quando há o recuo das lutas

⁷ A referência aqui é à manifestação de idolatria e dogmatismo de militantes políticos. Isso não quer dizer que a crítica interna não deva acontecer, pelo contrário, a crítica desapiedada deve estar presente na luta do bloco revolucionário, inclusive na crítica a si mesmo e às suas limitações, questão fundamental para avançar no processo de produção cultural, que pressupõe a superação de todos os entraves que coloca limites para o avanço da consciência revolucionária.

mais radicalizadas. A luta revolucionária não deve acontecer apenas nesse período, por isso a necessidade da manutenção de organizações revolucionárias, em período de recuo do movimento revolucionário do proletariado. Há, portanto, uma ambiguidade no bloco revolucionário em relação a esta questão, já que a luta revolucionária pressupõe a associação, reunião e articulação, para favorecer a hegemonia proletária e se tornar uma forma capaz de combater a hegemonia burguesa.

Poderíamos citar outros exemplos de ambiguidades presentes no bloco revolucionário no Brasil, mas vamos nos limitar a estes⁸. Estes exemplos são suficientes para perceber a existência de ambiguidades no interior do bloco revolucionário que precisam ser superadas para fortalecer a luta revolucionária. Manter e reproduzir a ambiguidade representa a reprodução de limites que não favorecem a luta pela transformação social, pelo contrário, contribui para a reprodução dos limites da consciência burguesa, logo, do modo de produção capitalista, da luta de classes.

As ambiguidades citadas acima emergem com a divisão social do trabalho, a luta de classes, com a estabilidade do modo de produção capitalista e com o recuo do movimento revolucionário do proletariado. A sua existência e permanência no interior do bloco revolucionário é decorrente da falta de clareza de seus integrantes sobre os fins a serem atingidos com a luta revolucionária, o que leva, conseqüentemente, ao equívoco sobre os meios a serem utilizados. Isso acontece devido às limitações teóricas que prevalecem no interior do bloco revolucionário. Esta questão não é apresentada da mesma forma pelas duas alas deste bloco, mas se manifesta principalmente na ala semiproletária.

A produção e o aprofundamento da teoria revolucionária nunca foi uma preocupação central da ala semiproletária. A preocupação maior que é manifestada em suas ações diz respeito ao praticismo, ativismo, ao imediatismo, muito presentes no meio anarquista, por exemplo; manifesta-se ainda no reboquismo, citado anteriormente. Neste último caso, considera-se que a luta deve seguir o que o proletariado faz⁹. Ou seja,

⁸ Por exemplo, a importância de se criar organizações autogeridas, criação de grupos de contrapoder etc.

⁹ Por isso a importância da produção e assimilação da teoria revolucionária para não continuar repetindo as mesmas ações que reforçam a hegemonia burguesa, esse é o caso da importância de se compreender a

se o proletariado luta por questões imediatas, como questão salarial, condições de trabalho, jornada de trabalho etc., o militante político também deve atuar ao seu lado com o objetivo de alcançar as suas reivindicações.

A consequência disso é que, em período de estabilização do capitalismo e recuo do movimento operário, muitos militantes deixam de lado a luta revolucionária, alguns passam a atuar, inclusive, na produção e reprodução de ideologias, outros assumindo posições conservadoras. No primeiro caso, há o exemplo de intelectuais que mantêm a descrença na produção e desenvolvimento da teoria revolucionária, mas que ao mesmo tempo atuam na produção de ideologias. Alguns ainda mudam de bloco passando a integrar o bloco progressista, mas mantendo o discurso de defesa da classe trabalhadora, o que manifesta seu oportunismo e seu objetivo real, o carreirismo, status e poder.

Isso quer dizer que, neste contexto, o objetivo final da luta revolucionária é obliterado. Isto é, contribuir com a classe operária para a instauração de um processo revolucionário, que tenha como finalidade a abolição do capitalismo e a instauração da sociedade autogerida, não é colocado como a questão fundamental. Se se perde de vista o objetivo final, perde-se de vista também os meios que são adequados e coerentes com a luta revolucionária. Neste sentido, grupos e militantes do bloco revolucionário ficam mais propícios a serem influenciados pela consciência burguesa, assim como aderirem mais facilmente às estratégias do bloco progressista. É justamente neste sentido que vemos, no Brasil, muitos militantes do bloco revolucionário utilizarem-se de meios (ideologias, estratégias burocráticas etc.) que ao invés de fortalecer a luta revolucionária, a enfraquece.

É preciso ter clareza de que, ao contrário do bloco revolucionário, o bloco dominante possui o monopólio dos meios de produção e distribuição cultural e, com isso, consegue divulgar diariamente e amplamente a sua mentalidade, valores etc. Assim mantém também a sua hegemonia na esfera cultural atingindo e exercendo influência no conjunto do bloco revolucionário. Neste cenário, uma forma de pensar, logo, de agir,

estratégia específica e estratégia geral do movimento operário revolucionário e bloco revolucionário. Sobre isso ver Viana (2008, 2019).

ambígua, emerge no interior do bloco revolucionário, pois, assimila elementos do modo de pensar burocrático e burguês e os concretiza em suas ações. É justamente isso que leva determinados indivíduos, setores etc., do bloco revolucionário, a utilizarem de estratégias do bloco progressista como se fossem estratégias revolucionárias. Ou seja, isso não passa de novas formas de reproduzir a velha sociedade burguesa. Esta ambiguidade se manifesta quando a reflexão sobre os fins a serem atingidos não é colocada como questão fundamental para a luta revolucionária.

Depois de abordar a ambiguidade presente no interior do bloco revolucionário, agora podemos tratar de sua coerência. A coerência do bloco revolucionário pode ser percebida em sua ala proletária que, apesar da hegemonia e mentalidade burguesas e da superioridade do bloco progressista, mantém o foco de contribuir com a estratégia revolucionária. A ala proletária do bloco revolucionário no Brasil, tem demonstrado ser a mais organizada em todo o mundo atualmente. Corresponde a uma ala reduzida numericamente, mas o pouco número de seus militantes tem conseguido manter uma coerência necessária e fundamental que possibilita o processo de produção e divulgação da teoria revolucionária, mantendo acesa a chama revolucionária.

A coerência do bloco revolucionário pode ser percebida em vários aspectos, mas aqui vamos destacar apenas quatro, dos quais derivam outros. O primeiro se refere à produção, aprofundamento e divulgação da teoria revolucionária. O segundo, ao uso de meios que contribuem e convergem com o objetivo do movimento revolucionário do proletariado, a autogestão. O terceiro está relacionado à luta cultural. E, por fim, à atuação voltada para o fortalecimento do bloco revolucionário.

Manter uma coerência com a luta revolucionária não é algo fácil, uma vez que perpassa pela luta constante de superação da consciência burguesa e pelo desenvolvimento de uma consciência revolucionária. Em solo burguês, fazer germinar sementes revolucionárias é árduo, mas não impossível, pelo contrário, é a necessidade mais urgente para a instauração de um processo revolucionário. Daí a necessidade da autoformação e autoreflexão constante.

Este processo acaba sendo derivado do primeiro elemento citado anteriormente, que aponta para um aspecto ligado à coerência do bloco revolucionário, que diz respeito à produção e aprofundamento da teoria revolucionária. No Brasil, este trabalho continua

sendo feito, embora seja ainda realizado por uma minoria, a exemplo do que vem fazendo o Movimento Autogestionário - Movaut. O Movaut é uma força significativa do bloco revolucionário que expressa a coerência de atuação da ala proletária do bloco revolucionário. A produção, aprofundamento e divulgação da teoria revolucionária é um dos pilares desta organização. O trabalho realizado por seus militantes demonstra sua importância, ao deixar evidente que um militante revolucionário precisa ter clareza de seu papel e da ação a ser empreendida no processo da luta revolucionária.

Esta clareza, no entanto, só pode ser alcançada com a reflexão, que pressupõe estudo, leitura, análise da essência e do novo estágio do modo de produção capitalista (regime de acumulação), assim como, dos diversos elementos que o integram e contribuem com sua reprodução (episteme burguesa, paradigmas, ideologias etc.¹⁰). Paralelo a isso, há também a necessidade de reflexão sobre a estratégia revolucionária, ponto fundamental para que o militante tenha clareza que seu papel é contribuir com a luta do proletariado, no sentido de superar a luta espontânea até chegar às lutas autogestionárias¹¹.

Do primeiro ponto elencado acima, deriva o segundo, a coerência relacionada ao uso de meios que contribuam e estejam de acordo com o objetivo do movimento revolucionário do proletariado, com a autogestão social. A unidade entre meios e fins é um aspecto central que determina a sua forma de atuação. É neste sentido que nega-se a burocracia (estado, partidos, sindicatos etc.) e mantém-se o princípio da auto-organização¹²; nega-se a ideologia, desenvolve e se fundamenta na teoria revolucionária; nega-se as estratégias dos bloco dominante e reformista, e desenvolve estratégias que sejam coerentes com o movimento revolucionário do proletariado.

Podemos ver um exemplo, desta coerência entre meios e fins, presente nas ações da ala proletária do bloco revolucionário, na forma como concebem sua atuação no período eleitoral. Ao invés do voto útil, um meio coerente encontrado pela ala proletária

¹⁰ Sobre a episteme burguesa, ver Viana (2018, 2019).

¹¹ Sobre o estágio da luta operária consultar Jensen (2014).

¹² Aqui não temos espaço para aprofundar neste aspecto da organização, para uma leitura aprofundada, ver Viana (2014).

para fazer a crítica da democracia burguesa, foi a proposição da ideia do voto nulo autogestionário. A coerência desta ideia está na relação que mantém com a base social do bloco revolucionário, ou seja, não há a defesa de candidatos ou partidos, nem do processo eleitoral, da democracia ou da sociedade capitalista. O voto nulo autogestionário traz consigo a ideia de negação da democracia burguesa, logo, das organizações burocráticas, da ideologia da representação e a afirmação da autogestão.

Outro elemento que demonstra a coerência da ala proletária do bloco revolucionário é a luta cultural¹³. A burguesia, assim como a burocracia, tem clareza da importância da luta cultural, por isso, criam uma série de mecanismos para exercer o controle do que é produzido e divulgado. Ideias, que conseguem uma ampla divulgação que não estejam de acordo com os seus interesses, sofrem com a censura. Para ambos os blocos, a cultura deve estar de acordo com os seus interesses, pois, isso promove uma formação voltada para a aceitabilidade da sociedade burguesa, o que acontece via instituições de ensino, propaganda pelos meios de comunicação etc.

A cultura mobiliza pessoas, as fazem agir. Por isso é importante para o bloco revolucionário promover uma luta cultural cada vez mais ampla. No Brasil, o bloco revolucionário tem mantido a coerência com a luta revolucionária em relação a este aspecto. Encontramos uma considerável produção cultural (teoria, produção artística etc), assim como sua divulgação, debates, grupos de estudos etc. Apesar de ser significativa, ainda é muito inferior ao que é realizado pelos blocos dominante e reformista. Por isso, a necessidade de sua ampliação.

Por fim, uma atuação mais ampla, voltada para o fortalecimento do bloco revolucionário, ainda é uma das necessidades mais urgentes no Brasil. A ala proletária tem feito este trabalho, por exemplo, através do incentivo à associação e à produção, e ampla divulgação cultural. A questão é que, como foi discutido anteriormente, o bloco revolucionário sofre com uma divisão interna e enfrenta limites em sua atuação conjunta. Esta divisão mantém o bloco revolucionário enfraquecido, embora em período de radicalização da luta, a exemplo do que aconteceu em 2013, no contexto das

¹³ Sobre a importância da luta cultural para o bloco revolucionário ver Viana (2018).

manifestações que tomaram conta do Brasil, há a tendência de sua superação e articulação.

Portanto, contribuir com a superação da divisão em seu interior é coerente com o interesse almejado pelo movimento revolucionário. Esta coerência perpassa por sua associação, união e articulação, o que pressupõe a reflexão e desenvolvimento de estratégias. Por isso, é fundamental a produção e aprofundamento da teoria revolucionária, a contribuição na luta cultural, a reflexão sobre as estratégias revolucionárias, e ação conjunta e associada no processo de negação da luta de classe e afirmação da autogestão.

O bloco revolucionário no Brasil, convive com a ambiguidade diante de seu papel na luta revolucionária, mas ao mesmo tempo expressa, em sua ala proletária, a coerência em sua atuação. A superação das ambiguidades, presentes em suas ações, é uma necessidade para fortalecer a coerência, necessária para o bloco revolucionário desempenhar o seu papel histórico, ou seja, favorecer a hegemonia proletária em seu interior, e alcançar uma força suficiente que possibilite gerar um processo revolucionário que crie a possibilidade de instauração da autogestão social. O capitalismo tem demonstrado debilidades profundas, e uma crise de maiores proporções pode pegar a todos de surpresa a qualquer momento. Isso acontecendo, o bloco revolucionário deve estar preparado para desempenhar o importante papel de não só contribuir com a radicalização da luta proletária, mas de estar ao seu lado para combater as forças contrarrevolucionárias. Neste momento, ter clareza de suas ambiguidades e da necessidade de sua superação, é fundamental para o golpe final, na sociedade de classes, e a realização da autogestão social.

Referências

JENSEN, Karl. **A Luta Operária e os Limites do Autonomismo**. Marxismo e Autogestão: Ano 01, Num. 02, jul./dez. 2014.

NAGHIRNIAC, Alexandre e LOPES, Carlos. **A falácia do voto útil e a defesa do voto autêntico**. O Estado de São Paulo. 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral,a-falacia-do-voto-util-e-a-defesa-do-voto-autentico,70002519277>. Acesso em 05 de abr. 2022.

VIANA, Nildo. **A Questão da Organização Revolucionária**. Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.

VIANA, Nildo. **Blocos Sociais e Estratégia de Classe**. Goiânia: Revista Enfrentamento, ano 14, N. 24, 2019.

VIANA, Nildo. **Blocos Sociais e Luta de Classes**. Goiânia: Revista Enfrentamento, ano 10, N. 17, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://enfrentamento.net/enf17.pdf>

VIANA, Nildo. **Estado, Democracia e Cidadania**: a dinâmica da política institucional no capitalismo. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.

VIANA, Nildo. **Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas**. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

VIANA, Nildo. **Marxismo e Cultura**. Práxis Comunal: Vol. 01, n. 01, jan./dez., 2018.

VIANA, Nildo. **O modo de Pensar Burguês**: episteme burguesa e episteme marxista. Curitiba: CRV, 2018.